

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										A Cidade Grega Antiga: a Pólis	Fev / 2010
labeca		1 de 7									

HIRATA, E. F. V.

2009. A cidade grega antiga: a pólis. S.P., Labeca – MAE/USP.

[revisão Labeca]

Usaremos os termos cidade e pólis com o mesmo sentido, para designar a formação política, econômica e social que foi criada pelos gregos a partir do século VIII a.C. em várias áreas da Bacia do Mediterrâneo e que permanece viva até o início da dominação romana.

A cidade grega antiga constitui-se em uma das expressivas inovações da época arcaica por apresentar, como traço significativo, o respeito ao particularismo de cada comunidade, que contemplava cada assentamento com uma liberdade quase total na definição de regras para o *viver junto*.

As *pólis* multiplicam-se e com elas multiplicam-se também as experiências culturais, mas o grego é o idioma compartilhado, os deuses são os mesmos, embora os calendários religiosos variem de cidade para cidade, a arte usufrui da liberdade de expressão, mas acaba convergindo para padrões que a identificam claramente como “grega”.

A pólis inaugura uma forma de *viver junto* que prioriza a cidadania, ou seja, o cuidado e a valorização da vida em comum. O poder político centralizador não fez parte da vivência dos gregos a partir da estruturação das *pólis*. Veremos, a seguir, como isto ocorreu.

Assim, levando em conta a pólis como elemento balizador, a história dos gregos pode ser dividida, *grosso modo*, em dois grandes momentos nomeados, por alguns autores, como a época da Grécia dos Palácios (aproximadamente entre os séculos XVI e XIII a.C.) e a da Grécia das Cidades (a partir do século VIII a.C. até o domínio romano).

A passagem do modo de vida que tem no *palácio* o centro político, também responsável pela gestão das atividades produtivas, para uma forma de organização social essencialmente comunitária se faz lentamente a partir da desintegração do sistema palacial, ocorrida por volta de 1200 a.C. A época da Grécia dos Palácios também é chamada *Idade do Bronze* e foi neste período que se desenvolveu a conhecida Civilização Micênica.

As novas estruturas políticas, sociais e econômicas que emergem, então, são aquelas que irão constituir a essência da cultura grega e que constituirão as permanências dessa cultura na chamada “Civilização Ocidental”. Podemos considerar que a pólis representa esse quadro de referências básicas que

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										A Cidade Grega Antiga: a Pólis	Fev / 2010
labeca		2 de 7									

articulam e dão sentido a todo o conjunto das realizações gregas.

A Arqueologia vem realizando escavações nas áreas de antigas *póleis* como Atenas, Esparta, Corinto e Mégara e, a partir destes estudos podemos conhecer melhor o modo de vida das populações que viviam nestas áreas.

A pólis, então, constitui-se em uma inovação fundamental na história do Mediterrâneo Antigo. Contrapondo-se aos padrões vigentes até então nas culturas mediterrânicas e médio-orientais, a criação helênica introduz a cidadania, o componente original que mais tarde daria origem às formas democráticas de poder político, inéditas até então. Embora as funções governamentais estivessem frequentemente reservadas a um grupo menor de indivíduos, a diferença fundamental era a presença de uma comunidade cidadã, ou seja, imbuída da responsabilidade pelos assuntos políticos, econômicos e sociais de sua pólis.

Nos quadros da pólis estrutura-se, portanto, uma sociedade complexa, hierarquicamente constituída, tendo por base o princípio da cidadania, a participação nos negócios da pólis. Essa configuração sócio-política existiu apenas em partes da Grécia entre os séculos VIII e I a.C; vale lembrar também que havia profundas diferenças entre as *póleis* e que cada uma delas sofreu transformações radicais em sua trajetória histórica.

A peculiaridade das *póleis* também estava consignada em uma organização espacial particular: a união de um núcleo central “urbano”, a chamada *ásty*, e de uma área territorial destinada às atividades agrícolas, essenciais para a subsistência, em grego, a *khóra*. Essa integração de espaços e, por consequência, de pessoas, foi promovida especialmente pela prática religiosa, envolvendo as populações em rituais que reuniam os habitantes, seja nos santuários urbanos ou nos santuários de fronteira (extra-urbanos).

Algumas procissões, por exemplo, saíam dos santuários localizados na área dita urbana e finalizavam seu trajeto nas áreas sagradas das fronteiras. Aí, a realização de um sacrifício e a refeição ritual comunitária que se seguia reforçava os laços entre os vários grupos que integravam a pólis. A constituição e o crescimento de cultos comuns, apropriados pelo Estado, definiam marcas de identidade entre os cidadãos, forjando o sentimento de pertencer a uma comunidade.

A definição de um espaço ritual específico, um recorte na esfera profana, ocorre com a criação do templo nos finais do séc. VIII a.C; concomitante com uma série de inovações fantásticas desta época, chamada, por alguns autores de “Renascença Grega”. São realizações deste momento: a adoção de uma forma de escrita alfabética, o estabelecimento de fundações gregas no Mediterrâneo

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										A Cidade Grega Antiga: a Pólis	Fev / 2010
labeca		3 de 7									

Ocidental e norte da África, o desenvolvimento de novas táticas de guerra (a reforma hoplita) e, especialmente, a emergência da pólis. O templo e a pólis são realidades cronologicamente associadas e decorrem de um mesmo processo histórico.

A documentação arqueológica vem comprovando que em muitas *póleis* da Grécia, as mais antigas edificações sagradas surgem, na mesma época, nos dois pólos articuladores da cidade: o centro cívico e o território. Esta constatação fundamenta as hipóteses a respeito do papel fundamental da religião promovendo a integração das pessoas, condição indispensável para a formação da pólis.

Assim, na cidade grega, de uma parte do espaço comum recortava-se o espaço destinado aos deuses: o témeno – o recinto sagrado; na mesma perspectiva de organização espacial cabia aos mortos uma parte do território: a necrópole – a cidade dos mortos. Cada uma destas áreas estava submetida a regras de uso e interdições decorrentes do caráter sagrado de que estavam imbuídas.

A organização dos espaços da pólis era feita paulatinamente, à medida que a população crescia e novas exigências se colocavam para alocar áreas de trabalho, de moradia, de convívio, de prática religiosa. Esquemáticamente podemos propor três especializações básicas do espaço: a área de habitação, convívio e trabalho – o espaço dos vivos; a área destinada exclusivamente ao exercício da religião – o espaço dos deuses; e aquela destinada a abrigar os mortos – as necrópoles. Trata-se de uma divisão com finalidade didática, pois estes espaços se sobrepunham: os vivos circulavam nas necrópoles e nos santuários, os deuses estavam em toda parte e havia uma categoria de mortos – os heróis –, que eram sepultados no centro da área de convívio dos vivos: a ágora.

A seguir apresentaremos as características básicas de cada um destes espaços:

O espaço dos vivos

Uma parte significativa dos habitantes de uma pólis viviam na *ásty*, o centro cívico, no qual estavam localizados os edifícios públicos, os templos das divindades políades – as protetoras daquela pólis –, a ágora – o espaço aberto onde os cidadãos se reuniam para debater os assuntos da pólis e também ficavam as oficinas dos artesãos. Os habitantes da *ásty* eram, em geral, os grandes proprietários de terras que dispunham de escravos para trabalhar

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										A Cidade Grega Antiga: a Pólis	Fev / 2010
labeca		4 de 7									

em suas propriedades, localizadas na *khóra*, mas também os artesãos e os comerciantes.

As casas eram modestas, distribuídas em ruas mais estreitas – em grego στενωπός, estenopos – que se cruzavam com as platéias, as ruas mais largas. Em muitas das *póleis*, especialmente as que foram fundadas no Ocidente, a malha viária era ortogonal, com as ruas cruzando-se em ângulos retos. A *ásty* dispunha também de teatros e ginásios. Os pequenos proprietários rurais que moravam na *khóra*, para lá se dirigiam nos dias festivos.

Na *khóra* viviam os agricultores, os pastores e criadores de ovelhas, cabras e os caçadores. Também lá havia santuários, pequenas capelas e, nas fronteiras, grandes templos. Nestes centros de culto ocorriam também as festas religiosas, os sacrifícios, e a prática cotidiana da religião.

O espaço dos mortos

A “cidade dos mortos” – necrópole – situava-se, em geral, afastada da área de habitação e, muitas vezes, fora da cinta murada que delimitava o espaço “urbano”. Os cemitérios são sítios arqueológicos de grande potencial como documentos sobre os costumes funerários mas, também permitem inferências sobre aspectos variados da vida de uma comunidade: a estruturação das camadas sociais, dos grupos por sexo e idade, por exemplo, pode ser analisada a partir da constatação de padrões diferenciados de enterramento em uma mesma necrópole; a análise dos vestígios esqueléticos pode fornecer dados demográficos, informações sobre a dieta, a presença de certos tipos de doenças, a morte causada por violência, dentre outras questões.

Muitas necrópoles gregas foram escavadas revelando como, desde o período Neolítico (aproximadamente 6000 a.C), até a época histórica as práticas gregas relativas aos mortos apresentaram forte continuidade. Ao mesmo tempo, é interessante notar como variaram de uma região para outra e alternaram-se as predominâncias dos costumes relativos ao trato com o corpo: a inumação e a cremação aparecem prioritariamente em uma época ou outra, dependendo, inclusive, da região em que a necrópole está localizada.

Em Atenas foram escavadas as necrópoles do Cerâmico – *Kerameikós* – e da região do Aerópago que dispõem de sepulturas que cobrem praticamente toda a história da Grécia e permite sintetizar algumas considerações: assim, enquanto no Período Sub-Micênico (século XII-XI a.C.) predomina a inumação, nos séculos seguintes (XI-X a.C.), em época Proto-geométrica, a cremação

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										A Cidade Grega Antiga: a Pólis	Fev / 2010
labeca		5 de 7									

passa a ser a prática dominante; nos períodos Arcaico e Clássico convivem as duas formas de enterramento e apenas no século IV a.C., a inumação volta a predominar.

Inumação – é a deposição do cadáver em uma sepultura composta de uma fossa simples (por vezes escavada na rocha) ou em cista, revestida de lajes de pedra nas laterais e coberta ou não por outra placa. A posição do corpo variava: estendido ou fletido, dependendo da época e da região; a presença ou não do mobiliário funerário também dependia das mesmas variáveis. No mundo grego são registradas também as inumações em vasos reservados, em geral para indivíduos muito jovens, crianças ou fetos. Eram usadas ânforas, pitos, jarros, de tamanhos avantajados.

Cremação – é o rito funerário em que o morto é incinerado, seja em uma pira (cremação primária) ou então, mais raramente, na própria sepultura (cremação secundária). A cremação primária implica, após a incineração do cadáver, no recolhimento das cinzas, ossos em um vaso cinerário e no enterramento deste com as eventuais oferendas. No caso da cremação secundária, o cadáver era estendido na própria tumba em uma plataforma de lenha e incinerado juntamente com o mobiliário funerário, em seguida o conjunto era recoberto de terra. A sepultura era sinalizada pela presença de um montículo, um vaso, uma lápide ou uma construção mais elaborada.

O espaço dos deuses

A invenção do templo grego não representa uma mudança significativa na prática cultual mas sim uma decisão de uma comunidade de cidadãos, no sentido de monumentalizar, isto é, de inscrever uma construção sagrada em uma paisagem. O templo torna-se o emblema da pólis, a consignação do poder e do prestígio de uma cidade frente às demais, a expressão de sua identidade. Na estrutura de uma cultura competitiva como a grega, os santuários desempenham um papel definitivo. A inspiração para o plano arquitetônico do templo grego, possivelmente, veio do Oriente Próximo e Egito. A técnica construtiva e o princípio da monumentalidade seriam um empréstimo dos egípcios e a concepção tripartite templo, altar e imagem de culto, do Oriente Próximo.

É interessante reiterar que a prática religiosa grega não dependeu, em época alguma, da presença de edificações específicas para a sua realização. De toda forma, arranjos simples de pedras configurando um altar precedem, com certeza, qualquer tipo de construção de cunho sagrado. Altar e sacrifício – o ritual

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										A Cidade Grega Antiga: a Pólis	Fev / 2010
labeca		6 de 7									

religioso grego básico e fundamental – são categorias indissociáveis na religião helênica. Para alguns autores, as refeições rituais comunitárias que se seguiam aos sacrifícios teriam peso igualmente significativo desde épocas recuadas, e a arqueologia vem recuperando, em áreas de culto, sinais dessa atividade: ossos, equipamentos para beber e comer como cântaros e pratos. No final da época geométrica estrutura-se a trilogia *altar* (dispositivo necessário para o sacrifício), *templo* (abrigo da estátua e das oferendas) e *témeno* (área sagrada delimitada) que vão constituir o **santuário grego clássico**.

O templo grego

O plano básico do templo clássico era retangular, compreendendo duas partes principais: uma área fechada – *sekós* –, e uma colonata aberta – o peristilo. A área fechada era compreendida pelo menos por um compartimento: *naós* (em latim *cella*) que abrigava a estátua representando a divindade; frequentemente esse espaço era precedido por uma espécie de vestíbulo: *pronaos*; o plano básico era completado pelo *opistódomo*, um quarto localizado na parte de trás do *naós*. Alguns templos dispunham do *áditos*, espaço reservado, uma espécie de “santo dos santos”. O templo inteiramente rodeado por colunas era chamado *períptero*, se havia duas fileiras de colunas: *díptero*. O comprimento dos templos era variável, os mais antigos, construções verdadeiramente monumentais, mediam cerca de 100 pés, daí a denominação *Hecatômpe*.

O templo apoiava-se em uma plataforma (*krepís*) com três degraus e sobre o último assentava-se a colonata. Observando-se de frente, o templo de tipo dórico apresenta colonatas (poste e capitel), arquitrave, frisa de métopas alternando-se com tríglifos, pedimento e telhado; o tipo jônico diferencia-se por ter uma base para a coluna, uma *fascia* no lugar da arquitrave e uma frisa contínua. As métopas e pedimentos recebiam, às vezes, decoração escultórica.

As três ordens gregas clássicas – dóricas, jônicas e coríntia – distinguem-se basicamente pelos tipos de capitéis.

Tipos de Santuários

Os *santuários urbanos* são situados na *ásty* ou em um topo de uma colina localizada dentro dela. São verdadeiros monumentos *políades* representando o poder, a riqueza de suas respectivas cidades. O santuário urbano, em geral, abrigava um templo com a estátua da divindade protetora da pólis – a divindade *políade*.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										A Cidade Grega Antiga: a Pólis	Fev / 2010
labeca		7 de 7									

Santuários extra-urbanos integram a pólis, mas são localizados no território, na *khóra*. Podem estar situados nos arredores da *ásty*, ou seja, nas vizinhanças das muralhas que em geral delimitam o espaço urbano, ou então nos confins do território, nas fronteiras com outras *póleis*. Os santuários extra-urbanos são marcos da posse do território e os cultos lá realizados integram o calendário religioso da cidade. A participação da população da *ásty* nos rituais dos santuários extra-urbanos e da população da *khóra* nos rituais dos santuários urbanos propiciava a integração efetiva dos indivíduos e das duas porções de espaço que constituíam a pólis.

Santuários pan-helênicos têm uma conotação particular no cenário fragmentado que caracterizava a vida das cidades gregas: eram, ao mesmo tempo, o espaço do convívio e da competição; da reafirmação dos laços que uniam os gregos – língua, religião, arte – e do exercício da emulação por meio das competições atléticas, teatrais entre as cidades; se constituíam no espaço privilegiado de propaganda política das cidades perante os representantes de todo o mundo grego.